


Desafios para a dicionarização de uma língua em obsolescência na Amazônia

Challenges for dictionarization of a language in obsolescence in Amazon

Jaqueline de Andrade Reis* 

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira** 

RESUMO: As teorias tradicionais nas áreas de Lexicografia e Lexicologia foram desenvolvidas, em grande parte, a partir de trabalhos realizados com comunidades linguísticas saudáveis, com equipes de profissionais em que alguns desses eram falantes das línguas com as quais trabalhavam. Porém, com a expansão dos estudos descritivos de diferentes línguas, a criação de obras lexicográficas e lexicológicas tornou-se um desafio para os profissionais da área, uma vez que situações de obsolescência linguística, como é o caso apresentado neste artigo, cujo objetivo é justamente apresentar aspectos práticos do trabalho serem realizados de forma alternativa, distinta daquela que está padronizada, sem que isso implique perda de qualidade na investigação realizada. Essa perspectiva empregou a metodologia de linguística descritiva e das áreas de Lexicografia e Lexicologia, com modificações importantes para a elaboração do trabalho específico, o que impactou os resultados alcançados – com a coleta de dados expandida. O texto trata de uma experiência em que se verificam questões dessa ordem e sua elaboração teve como base em trabalhos sobre a língua de Ferreira (2003) e Araújo (1989), bem como Faulstich (2010a, 2010b, 2011), portanto a metodologia padrão encontrada em Faulstich foi adaptada para abarcar as questões de uma língua indígena obsolescente. Os resultados incluem a descrição de relações semântico-lexicais, taxonomia e categorização próprias que seguem uma cultura e visão de mundo específicas, baseadas no contexto do habitat natural dos diferentes tipos de nomes de animais coletados e constantes no dicionário.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicologia. Lexicografia. Dicionário. Léxico da fauna. Amazônia.

ABSTRACT: Traditional theories in the areas of Lexicography and Lexicology were developed, to a large extent, from work carried out with healthy linguistic communities, with teams of professionals in which some of them were speakers of the languages with which they worked. However, with the expansion of descriptive studies of different languages, the creation of lexicographic and lexicological works has become a challenge for professionals in the field, since situations of linguistic obsolescence, as is the case presented in this article, whose objective is precisely present practical aspects of the work to be carried out in an

*Doutora em Linguística (PPGL/UFGA). Docente do Campus Universitário do Marajó/Breves (UFGA). jaqreis108@gmail.com

**Professora Titular da UFGA vinculada ao Instituto de Letras e Comunicação (PPGL/FALE). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D CNPq. marilia@ufpa.br

alternative way, different from that which is standardized, without this implying a loss of quality in the investigation carried out. This perspective used the methodology of descriptive linguistics and the areas of Lexicography and Lexicology, with important modifications for the preparation of the specific work, which impacted the results achieved – with expanded data collection. The text deals with an experience in which questions of this order arise and its elaboration was based on works on language by Ferreira (2003) and Araújo (1989), as well as Faulstich (2010a, 2010b, 2011), therefore the standard methodology found in Faulstich was adapted to encompass the issues of an obsolescent indigenous language. The results include the description of semantic-lexical relationships, taxonomy and categorization that follow a specific culture and worldview, based on the context of the natural habitat of the different types of animal names collected and contained in the dictionary.

KEYWORDS: Lexicology. Lexicography. Dictionary. Fauna lexicon. Amazon.

1 Introdução

Trabalhos lexicográficos sobre línguas minoritárias – como as línguas indígenas brasileiras – são possíveis e necessários de serem desenvolvidos, apesar dos diversos limites e problemas específicos impostos pela situação de obsolescência enfrentada pela maioria delas. Logo, a pesquisa lexicográfica com línguas minoritárias pode exigir uma nova forma de compreensão e prática nas diferentes subáreas da Linguística. Com base em pesquisas lexicográficas/lexicológicas realizadas com a língua Parkatêjê no que diz respeito ao universo da fauna, o presente artigo tem como objetivo apresentar passos para fazer esse tipo de trabalho sobre uma língua que se encontra ameaçada, com um número reduzidos de falantes, sem um uso regular diário na comunidade e, ao mesmo tempo, abordar algumas lacunas na produção de um dicionário imposto pelos modelos teóricos existentes, que não tratam especificamente de situações como essa. A situação de obsolescência de uma língua minoritária pode causar a falsa impressão de que esta possui um número limitado de palavras, não conta com recursos como sinonímia, antonímia, por exemplo, o que pode levar as pessoas a pensarem que os dicionários de línguas ameaçadas de extinção são pequenos e muito simples de organizar. Trabalhar sob algumas condições, como contar com um número reduzido de falantes, para realizar pesquisas lexicológicas/lexicográficas, pode promover uma metodologia específica para o estudo de línguas ameaçadas de extinção.

Com base na experiência que adquirimos no trabalho de descrição da fauna do Parkatêjê e na reflexão de uma pesquisa realizada com uma língua obsoleta, podemos afirmar que a metodologia utilizada na lexicografia de campo deve estar centrada na documentação de itens lexicais que estão desaparecendo rapidamente nos usos do vocabulário, seja pelo desuso ou esquecimento por parte dos falantes, seja pela situação em que se fazem poucas interações naquela língua. Investir em estratégias que possam ser utilizadas para superar a falta de experiência do pesquisador em diferentes áreas do conhecimento, visando um trabalho de campo multidisciplinar, é outra preocupação real que exigirá criatividade do pesquisador no que diz respeito à inovação em seus métodos de trabalho.

Portanto, o presente artigo contém um breve panorama sobre o povo e a língua Parkatêjê, destacando importantes contribuições teóricas da Lexicologia e Lexicografia na construção do proposto dicionário do léxico da fauna Parkatêjê. Mais adiante estão descritos os procedimentos metodológicos aplicados para a realização da pesquisa de campo e a organização do banco de dados digital seguido por alguns exemplos do dicionário proposto pelo Parkatêjê sobre o léxico da fauna. Os dados estão escritos conforme a ortografia proposta por Araújo (1993).

2 Lexicologia e Lexicografia: desafios para documentar línguas indígenas ameaçadas

A língua Parkatêjê faz parte do tronco linguístico Macro-Jê e da família Jê Setentrional. Rodrigues (1999) organizou dados de diferentes línguas Macro-Jê buscando comparar semelhanças observadas entre elas, dentre as quais observou que as marcas de pessoa e número, além dos chamados prefixos relacionais, não eram diretamente ligadas aos substantivos possuídos, mas apareciam afixadas ou clicizadas (em línguas que possuem clíticos pessoais) a um morfema que tem a forma *õ* nas línguas Jê Norte (Panará, Kayapó e no grupo Timbira). O Complexo Dialetal Timbira é constituído pelo Parkatêjê (Timbira do Pará) e outras línguas como Canela-Krahô, Canela Apaniêkra, Canela Ramkokamekra, Pykobiê e Krikatí.

O povo Parkatêjê constitui uma comunidade indígena residente na Terra Indígena Mãe Maria, localizada no município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do estado do Pará. Não há números oficiais sobre a população, mas calcula-se que há cerca de 700 indivíduos e menos de 5% deles falam a língua tradicional. Constatamos que as gerações mais jovens não aprendem mais a língua indígena há cerca de, pelo menos, quatro décadas, conforme os trabalhos de Ferreira (2003).

Estudos lexicográficos e lexicológicos, realizados com base em línguas indígenas, têm contribuído para ampliar o arcabouço teórico e as metodologias dessas subáreas, uma vez que os estudos existentes em geral concentram-se em línguas de grande circulação. Materiais produzidos com dados de línguas minoritárias são produtos ricos para promover ações de documentação, educação, revitalização e manutenção linguística. A base teórico-metodológica adequada ao contexto sociolinguístico promove a participação dos falantes nas decisões relativas à criação de dicionários/glossários estimulando-lhes a valorizar sua língua e sua cultura.

A Lexicologia descreve e analisa as línguas levando em consideração os aspectos semânticos, cognitivos, socioculturais e históricos envolvidos no estudo do léxico geral, além dos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, que formam a estrutura linguística. Esses aspectos mostram a íntima relação entre Lexicologia e gramática, demonstrando a funcionalidade que o léxico opera na língua (Faulstich, 2013b).

Segundo Pontes (2009), as características do léxico permitem descrever os aspectos morfológicos que envolvem os processos de formação de palavras, neologismos, entre outros, da perspectiva semântica, o que permitirá a compreensão dos fenômenos linguísticos relacionados à metáfora, polissemia, sinonímia e outras relações semânticas.

Do ponto de vista lexicográfico, documentar uma língua requer uma perspectiva descritiva e autônoma sobre o léxico, com rigor científico e por meio de princípios metodológicos que norteiam a prática lexicográfica, mas que precisam ser

ajustados ao contexto das pesquisas realizadas com comunidades indígenas. Nesse ponto, residem os maiores desafios em documentar uma língua ameaçada pela obsolescência, devido aos poucos falantes que guardam inúmeros conhecimentos sobre a língua e a cultura do seu povo, que devem ser registrados em obras lexicográficas.

Apesar dessa realidade, algumas tipologias de dicionários tradicionais ainda apresentam lacunas. A metodologia de elaboração da macroestrutura e microestrutura do trabalho precisa contemplar o todo que abrange aspectos linguísticos, socioculturais e as relações semânticas e lexicais existentes nas línguas indígenas. Portanto, adequar essas estruturas internas do dicionário à realidade dos povos indígenas, por exemplo, é essencial para que o material em elaboração possa ser útil e, ao mesmo tempo, colaborar com a documentação, o ensino e a aprendizagem de línguas minoritárias, como as línguas indígenas brasileiras.

Ao longo do tempo, a Lexicologia muito contribuiu para a finalidade e dimensão da Lexicografia, uma vez que ambas as disciplinas apresentam aspectos semelhantes, com perspectivas diferentes em relação ao tratamento do léxico – objeto de estudo comum. Enquanto a Lexicologia trata da análise e descrição dos aspectos léxicos, pragmáticos, semânticos e socioculturais de um determinado povo, a Lexicografia preocupa-se com a aplicação prática dos conhecimentos descritos pela Lexicologia, visando registrar diversas conquistas de aspectos linguísticos e extralinguísticos observados no funcionamento da linguagem nos dicionários produzidos. À vista disso, verifica-se que a tarefa de registrar aspectos linguísticos e extralinguísticos das línguas indígenas em trabalhos lexicográficos exige a conjugação de saberes, entre os quais, aqueles culturais dos falantes da língua com teorias e metodologias das referidas áreas da Linguística.

3 Metodologia de pesquisa

A pesquisa realizada para elaboração da obra lexicográfica intitulada Dicionário da Fauna Parkatêjê ocorreu em duas aldeias: uma localizada no Km-30 e outra no KM-33, ambas na BR-222, na Terra Indígena Mãe Maria (TIMM), no sudeste do Pará. Várias visitas de campo às comunidades foram realizadas entre 2018 e 2021 para coleta de dados, confirmação (ou refutação) de hipóteses e recolha de mais dados. Houve a participação ativa de seis indígenas que falam a língua tradicional, selecionados para as entrevistas: quatro homens (entre 48 e 73 anos) e duas mulheres (entre 64 e 74 anos), cujos dados pessoais permanecem retidos por questões éticas de pesquisa. No contexto de uma língua ameaçada pela obsolescência, há poucos falantes que podem ajudar no trabalho de pesquisa, assim, os colaboradores foram selecionados com base em sua disponibilidade para trabalhar na pesquisa.

A respeito dos aportes teórico-metodológicos da Lexicologia e da Lexicografia utilizados para subsidiar o desenvolvimento da pesquisa e a elaboração do dicionário, foram necessárias adaptações a fim de atender às especificidades da pesquisa sobre o léxico da fauna da língua em estudo.

Durante a primeira viagem, em 2018, foram realizadas pesquisas sobre o contexto que envolvia a interação e o comportamento dos povos indígenas em relação aos animais que habitam a Terra Indígena Mãe Maria (TIMM) com o objetivo de desenvolver técnicas e utilizar instrumentos para auxiliar a coleta de dados; compreender como e quais motivos levam o povo Parkatêjê a nomear e categorizar os animais em sua língua tradicional. Visando essa compreensão, os pesquisadores acompanharam os indígenas em alguns momentos de caça na floresta, uma vez que os caçadores habitualmente passam o dia ou a noite inteira observando os animais por longas horas para capturá-los na hora em que aqueles lhes deem essa chance.

Para apoiar a recolha de dados, foram selecionadas 264 imagens de animais de diversas espécies em diferentes endereços eletrônicos com acesso aberto e disponível na internet. A partir dessas imagens agrupadas em arquivos do Microsoft Word,

iniciou-se a coleta do léxico da fauna, a qual visava atender o ponto de vista da Biologia básica tradicional e dos povos indígenas.

Com base na perspectiva da Biologia tradicional, foram organizados dois grandes grupos: (i) animais vertebrados, constituído por peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos; (ii) animais invertebrados, formado por artrópodes, insetos, crustáceos, aracnídeos, moluscos, anelídeos e outros. Essa técnica foi utilizada porque inicialmente não havia conhecimento sobre como os indígenas nomeavam e categorizavam os animais em sua língua tradicional, logo, a opção pelo uso dessa classificação possibilitou o início da coleta de dados.

O contato direto com os colaboradores da pesquisa e a coleta de dados do objeto de estudo possibilitaram compreender as formas de nomeação e categorização dos animais de acordo com o contexto linguístico e sociocultural desse povo. A estratégia mostrou-se eficiente e, na segunda etapa da coleta de dados, recorreremos à base fundamental para organização das informações dos verbetes do dicionário, que será comentada a seguir.

Para tanto, a estratégia metodológica consistiu em mostrar as imagens dos animais aos falantes da língua tradicional durante as entrevistas individuais, abrindo o arquivo para que pudessem identificar as figuras dos animais organizadas por espécie e em ordem numérica crescente de 01 a 264. Durante as entrevistas, as imagens foram mostradas de acordo com a numeração sem que os nomes dos animais, em nenhuma das duas línguas, fossem mencionados. Por conseguinte, os falantes, ao reconhecerem os animais, informaram seu nome na língua tradicional e em português. Todas essas coleções foram gravadas em áudio e vídeo sob codificação específica.

Por meio dessa técnica, os colaboradores da pesquisa conseguiram identificar e nomear nas duas línguas – Parkatêjê e Português – a maior parte dos animais que aparecia na lista, além de fornecer outras unidades lexicais relacionadas ao contexto linguístico, social e cultural desses animais. Observou-se que algumas unidades lexicais que não faziam parte de seu universo foram incorporadas à cultura após o

contato com a sociedade envolvente, como algumas espécies de peixes amazônicos como o *tepakare* (pescada, dourada) que não é encontrado nos rios da Reserva Indígena, e outros como o *tepkahàk* (peixe-boi), *atorotikahàk* (galinha d'Angola) e *airomkâmpokôti* (búfalo).

Com a metodologia adaptada ao contexto da pesquisa, foram coletadas 570 unidades lexicais da fauna, porém, o *corpus* foi ampliado, uma vez que, além dos nomes dos animais que os falantes identificaram, estes forneciam outras diversas informações relacionadas ao contexto da fauna, como partes do corpo, tipos de habitat, características físicas, hábitos de vida, tipos de alimentação, nomes específicos para filhotes e outros conhecimentos relacionados ao léxico da fauna. Tanto os dados quanto as imagens do contexto da pesquisa foram registrados em áudios e fotografias com autorização dos colaboradores da pesquisa. Os áudios coletados nas entrevistas com os colaboradores foram ouvidos, transcritos, recortados e editados no programa computacional *Coll Edit Pro*. Os dados foram organizados em listas contendo o nome do animal na língua indígena e em português, o contexto de uso, algumas notas antropológicas, além de outras informações pertinentes ao estudo. Nessa lista, consta a numeração dos áudios correspondente à ordem numérica dada a cada imagem dos animais.

Durante a segunda etapa do trabalho de campo, em 2019, foram confirmados os dados previamente coletados e realizada a coleta de mais itens lexicais, totalizando 718 verbetes ao dicionário. A lista foi reformulada e ampliada com novas informações complementares fornecidas pelos colaboradores, incluindo nomes dos animais na língua indígena, correspondência em português, informações gramaticais, tradução literal, definição, contexto de uso, partes do corpo do animal, filhotes, notas, categorização de animais nas duas línguas referidas no dicionário. Essas informações estão na microestrutura dos verbetes do dicionário.

Para atender às peculiaridades da pesquisa, foi elaborada uma segunda lista, de acordo com a categorização dos animais, fornecida pelos falantes indígenas,

destacando suas características: tipos de habitat (ar, terra, água, floresta); hábitos de vida (diurno ou noturno); tipos de alimentos (animais, frutas, plantas); aspectos físicos; odor dos animais; sons emitidos pelos animais; entre outras informações fornecidas. A adequação dessas informações na microestrutura do dicionário foi um desafio que exigiu a adição de campos semânticos no programa computacional *Flex*. Foi imprescindível inserir as categorizações dos animais, a taxonomia, bem como as relações semântico-lexicais como metonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, holonímia identificadas nos dados coletados.

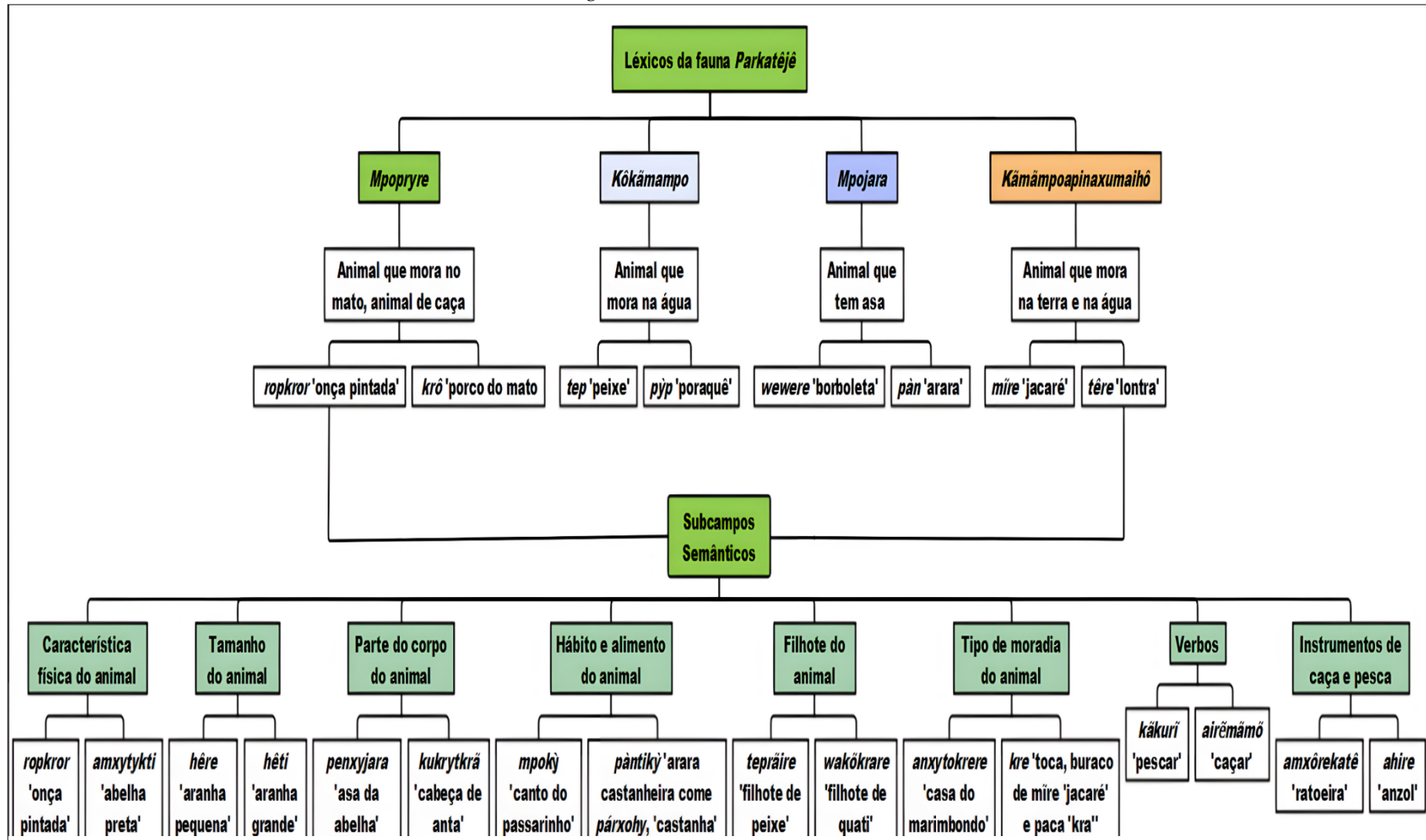
Por meio de instrumentos e técnicas adotados durante a pesquisa de campo, como coleta de dados sobre a nomenclatura dos itens lexicais da fauna, escuta dos dados, recorte e edição de áudio e organização de dados em listas sistematizadas, o processo de categorização e classificação dos animais, de acordo com a taxonomia cultural do povo indígena em estudo, tornou-se mais visível. A classificação e a nomenclatura aparecem nas informações dos verbetes do dicionário.

Observou-se que o povo Parkatêjê nomeia e agrupa os animais de acordo com a experiência viso-sensorial com a natureza que eles têm no dia a dia. Essas experiências estão codificadas em sua língua tradicional e, a partir desse conhecimento linguístico e sociocultural, foi elaborada a construção de árvores de domínio, bem como o arquivo lexicográfico para sistematizar e organizar o léxico em campos e subcampos semânticos referentes ao universo da fauna.

4 Árvores de Domínio e Ficha Lexicográfica do Léxico da Fauna

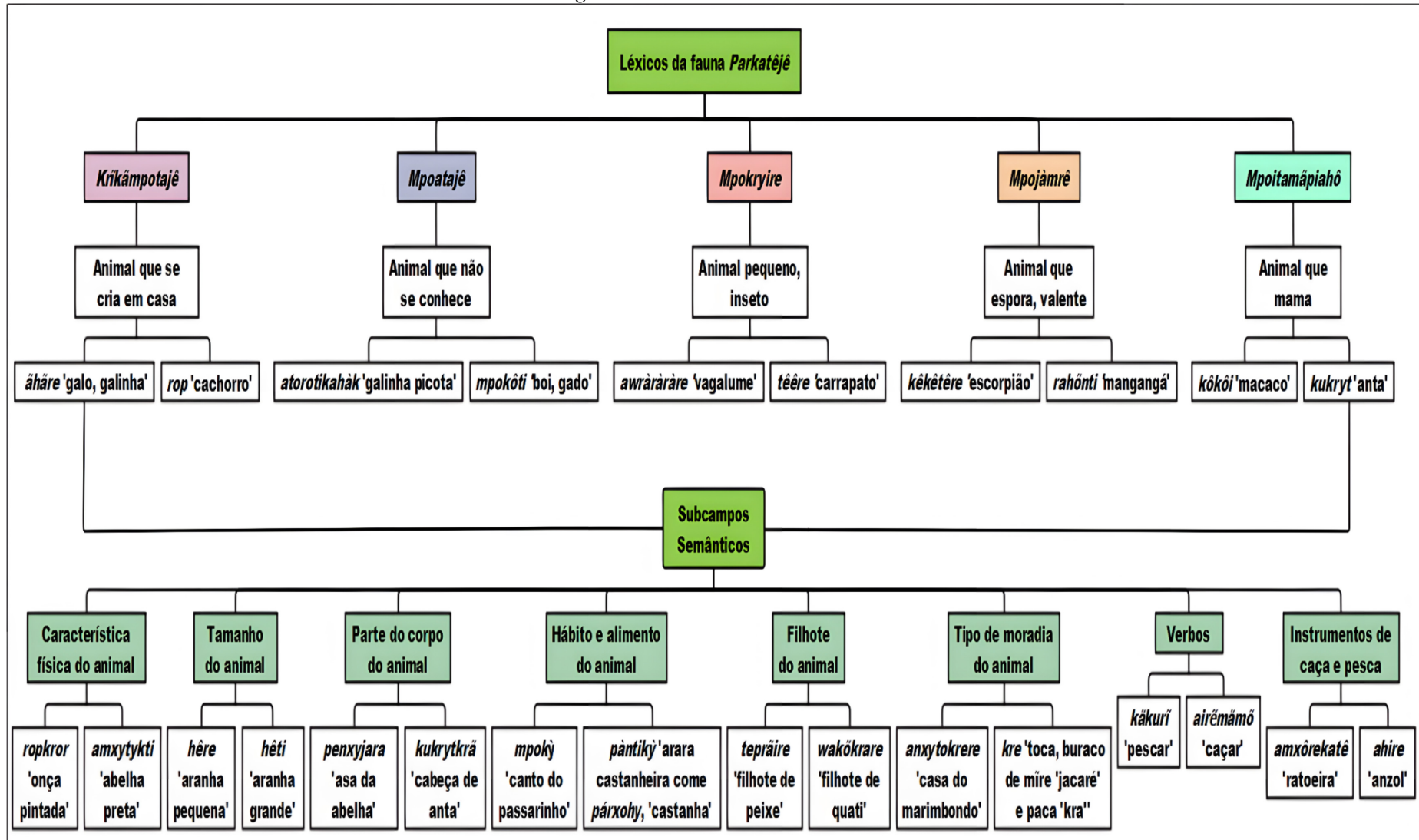
As relações semântico-lexicais, a taxonomia e a categorização feita pelo povo Parkatêjê para os animais seguem uma cultura e visão de mundo específicas, principalmente baseadas em seu habitat natural – animais terrestres, aquáticos, aéreos e do mato que se locomovem também por cima das copas das árvores. Respeitando esse critério, bastante diferente da perspectiva ocidental da Biologia padrão, foram criadas duas árvores de domínio (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Árvore de domínio 1.



Fonte: Reis (2021).

Figura 2 – Árvore de domínio 2.



Fonte: Reis (2021).

Krieger e Finatto (2004) argumentam que uma árvore de domínio representa um diagrama hierárquico cuja semelhança pode ser comparada a um organograma. Pensar nessa sistematização hierárquica é estabelecer uma aproximação inicial com a área do conhecimento pesquisada. Essa organização é indispensável antes mesmo de se começar a compor um dicionário, pois, a partir dela, é possível desenhar todo o dicionário, com a finalidade de atender antes de tudo às necessidades dos falantes da língua.




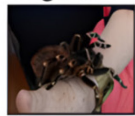
Ao se observar as figuras das árvores de domínios 1 e 2, a partir do campo semântico principal – léxico da fauna –, pode-se notar a forma como os indígenas classificam os animais, de acordo com sua língua, cultura e percepção do contexto em que vivem. Com base nos dados obtidos, podem ser identificados dez grupos de categorização de animais: (1) *mpopryre* 'animal que vive no mato, animal de caça'; (2) *kôkâm^ampo* 'animal que vive na água'; (3) *mpojara* 'animal que tem asas'; (4) *kâmãm^apoapinaxumaihô* 'animal que vive na terra e na água'; (5) *mpojôkra* 'animal que se agarra aos galhos das árvores para se mover'; (6) *krîkâmpotajê* 'animal que pode ser criado em casa'; (7) *mpotajê* 'animal não pertencente ao universo cultural Parkatêjê'; (8) *mpokryjre* 'pequeno animal, inseto'; (9) *mpojâm^{rê}* 'animal que espora' e (10) *mpoitamãpiahô* 'animal que amamenta'. Essas características e agrupamentos sistematizados originaram oito subcampos semânticos com base em: características físicas; tamanho; parte do corpo; comportamento (hábitos e alimentação); nomenclatura para filhotes; tipo de habitat; verbos relacionados à vida animal; instrumentos de caça ou pesca para capturá-los.

A coleta de dados ampliada por outras informações exigiu readequação, tanto do aporte teórico quanto metodológico, além de instrumentos mais concretos como árvores de domínio e fichas lexicográficas readequadas, com ênfase em subcampos. Isso evidenciou claramente a formação de nomes de animais correlacionando aspectos morfossintáticos e semânticos da língua indígena. Diversos aspectos morfossintáticos foram descritos e analisados com base em Ferreira (2003) e Araújo (1989). A elaboração

da Ficha Lexicográfica (FL) seguiu principalmente diretrizes metodológicas, propostas por Faulstich (2010a, 2010b, 2011), para a produção de glossários e dicionários, tendo sido adaptada para atender à especificidade do contexto da pesquisa. As entradas do dicionário contêm uma gama de informações que incluem fenômenos semânticos como metonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, holonímia, relações lexicais de taxonomia e categorização, que poderão ser usadas pelos professores de língua na escola indígena bem como por outros pesquisadores interessados na temática.

A FL contém o que os falantes da língua tradicional consideram como informações relevantes para a composição de verbetes em uma obra lexicográfica de uma língua ameaçada. Na FL em análise, essas informações ocupam campos semânticos referentes ao universo do léxico da fauna Parkatêjê de acordo com a especificidade de cada informação na composição da estrutura interna do dicionário. Para esse povo, é muito importante registrar e documentar o seu conhecimento do mundo, informações que se perderão se a sua língua indígena deixar de ser falada. Portanto, esse conhecimento ancestral, com a elaboração de um dicionário específico sobre a fauna, pode ser preservado para as próximas gerações.

Figura 3 – Modelo lexicográfico do léxico da fauna Parkatêjê.

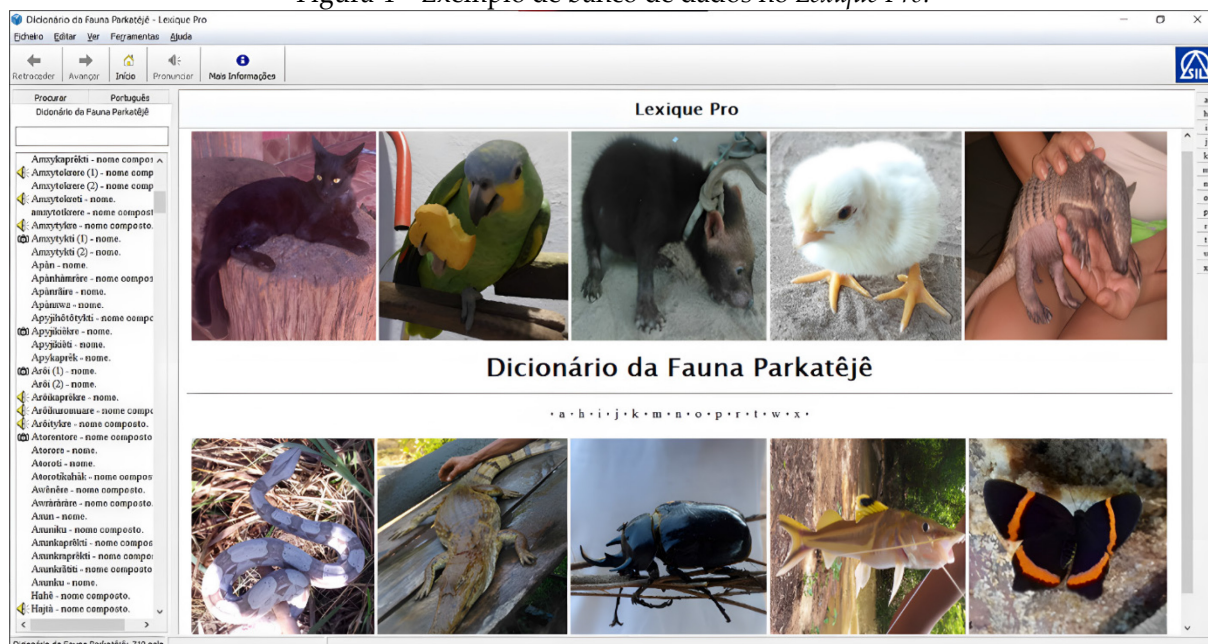
Léxico da fauna Língua <i>Parkatêjê</i> (entrada)	Léxico da fauna correspondência na língua portuguesa	Informação Gramatical	Tradução literal	Contexto de uso	Categorização em <i>Parkatêjê</i>	Categorização em Português	Subcampos semânticos	Ilustração e numeração dos áudios
<i>Kryiti</i>	papagaio	nome composto	<i>kryiti</i> 'papagaio grande'	"papagaio nós chama na língua <i>Kryiti</i> porque tá no pârpa galho"	<i>mpojara</i> 'animal que tem asa'	Ave	Tamanho do animal	Imagem 77  Áudio: 19
<i>Wewere</i>	borboleta	nome composto	<i>wewere</i> 'borboleta pequena'		<i>mpokryire</i> 'animal pequeno, inseto'	Inseto	Tamanho do animal	Imagem 87  Áudio: 117
<i>Miti</i>	jacaré	nome composto	<i>miti</i> 'jacaré grande'	"O jacaré mora na água, mas ele precisa se esquentar ele sobe"	<i>kãmãmpoapinaxumaihô</i> 'animal que mora na terra e na água'	Réptil	Tamanho do animal	Imagem 114  Áudio: 69
<i>Hêti</i>	aranha	nome composto	<i>hêti</i> 'aranha grande'		<i>mpopryre</i> 'animal que mora no mato, animal de caça'	Aracnídeo	Tamanho do animal	Imagem 20  Áudio: 31

Fonte: Reis (2021).

4.1 Organização do banco de dados digital

Os dados compilados, e constantes nas FL, foram organizados no programa computacional *FieldWorks Language Explorer* (FLEX), desenvolvido pelo *Summer Institute of Linguistics - SIL*, e distribuído gratuitamente. Para utilização do FLEX no presente trabalho, foram feitas adaptações e ajustes de acordo com a macroestrutura e microestrutura do dicionário.

Figura 4 – Exemplo de banco de dados no *Lexique Pro*.



Fonte: Reis (2021).

5 Dicionário do léxico da fauna Parkatêjê: características e estrutura

O dicionário Parkatêjê sobre a fauna ora proposto é uma obra lexicográfica que deve ser apresentada em formato impresso e digital, considerando sua natureza tipológica como um dicionário geral semibilíngue com os verbetes apresentados em dois idiomas: Parkatêjê e Português, respectivamente. O dicionário está composto, até o presente, por 718 verbetes, dos quais 57 estão acompanhados de ilustrações de animais registradas durante a pesquisa de campo. Algumas imagens foram cedidas por indígenas das aldeias, onde foram realizadas as etapas de pesquisa de campo, e

outras por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Estudos Descritivos de Línguas Minoritárias da UFPA.

Na organização da macroestrutura, as sequências dos verbetes do dicionário seguem a ordem alfabética de grafia proposta por Araújo (1977, 2016), para direcionar o uso do material no momento da consulta pelos parkatêjê. Esse padrão de uso de dicionários facilita o acesso da obra ao público interessado, como professores de escolas indígenas, não indígenas, pesquisadores de línguas indígenas e de diversas áreas, como Biologia, por exemplo, bem como outros profissionais que se interessem por trabalhos dessa natureza.

As entradas são indicadas pelos campos e subcampos semânticos identificados no léxico da fauna sistematizado nas árvores de domínio, assim, cada verbete aponta para uma relação semântica indicada pela categoria cultural no Parkatêjê e pelos aspectos físicos, comparações e semelhanças vistas nos subcampos semânticos que integram os nomes dos animais na língua em questão.

As siglas (Tabela 1), utilizadas no dicionário de fauna, estão destacadas em diferentes convenções tipográficas e em itálico para facilitar a identificação e diferenciação entre os verbetes, apresentada a seguir:

Tabela 1 – Siglas presentes no dicionário.

<i>ns.</i>	Nome simples
<i>nc.</i>	Nome composto
<i>v.</i>	Verbo
<i>Cat. Park.</i>	Categorização em língua Parkatêjê
<i>Cat. Port.</i>	Categorização em língua Portuguesa
<i>Cont. uso.</i>	Contexto de uso
<i>Subcampo Sem.</i>	Subcampo Semântico
<i>Cf.</i>	Verificar

Fonte: Reis (2021).

Quanto à microestrutura, esta foi elaborada com base em Faulstich (2010a, 2010b, 2011), com adaptações ao contexto da pesquisa.

Tabela 2 – Estrutura do verbete

Entrada = + categoria gramatical ± correspondência em Português ± tradução literal ± definição + categorização cultural em Parkatêjê + categorização em Português ± subcampo semântico ± nota ± remissiva ± ilustração + fonte da ilustração
--

Fonte: Reis (2021).

Para elaborar a microestrutura, outros campos semânticos foram acrescentados às informações dos verbetes, como a categorização cultural dos animais em língua indígena, a categorização em português, o contexto de uso, os subcampos semânticos em conformidade com o contexto sociocultural dos parkatêjê. A organização interna do dicionário proposto também orienta a forma como os verbetes devem ser lidos, os quais estão destacados em negrito, seguidos da categoria gramatical e informações referentes às correspondências em português, tradução literal, categorização em Parkatêjê, categorização em português, contexto de uso, subcampo semântico, notas e ilustrações e fontes. Vale destacar que nem todas as letras do alfabeto Parkatêjê ocorreram na nomenclatura do léxico da fauna dos verbetes do dicionário, por isso, entre aquelas que constituem a formação inicial dos nomes dos animais, destacamos a ocorrência das seguintes letras: **A, H, I, J, K, M, N, O, P, R, T, W, X**.

5 Considerações finais

O objetivo do presente artigo foi apresentar passos para elaborar um produto lexicográfico de uma língua ameaçada de desaparecimento e, ao mesmo tempo, informar sobre algumas lacunas na produção de um dicionário (constatadas no uso de modelos teóricos existentes, que não tratam especificamente de línguas em tal condição). Além disso, a organização de um dicionário do léxico da fauna pode contribuir para salvaguardar, na língua e na cultura Parkatêjê, por meio da documentação, parte do léxico da fauna. Esse tipo de pesquisa pode revelar fatos históricos, culturais e linguísticos sobre um povo, uma vez que um dicionário é uma obra em que se observa uma visão de mundo.

Materiais produzidos com dados de línguas minoritárias podem ser importantes para promover a documentação linguística quando utilizados para ações de educação, revitalização e manutenção. A base teórico-metodológica adequada ao contexto sociolinguístico promove a participação dos falantes nas decisões relativas à criação de dicionários/glossários, uma vez que as pessoas podem se sentir incentivadas a participar da construção de uma obra como um dicionário. A criação do dicionário de fauna da língua Parkatêjê revelou que a metodologia de organização da macro e microestrutura do trabalho precisava ser readequada para registrar aspectos socioculturais ligados aos linguísticos, bem como relações semânticas e lexicais, o que foi feito com êxito.

Por fim, a utilização de uma estratégia metodológica de pesquisa pelos nomes dos animais aliada à apresentação de imagens desses animais para falantes da língua tradicional foi muito importante para o andamento da pesquisa, pois, somente assim, foi possível obter os dados na língua tradicional e em português. Descobriu-se que havia itens lexicais que foram incorporados à língua apenas quando as pessoas entraram em contato com o objeto, uma vez que não fazia parte do contexto sociocultural. Os itens lexicais da fauna coletados incluíram informações pertinentes aos tipos de habitat, hábitos de vida dos animais, tipos de alimentos consumidos pelos animais, aspectos físicos incluindo o cheiro do animal. Tudo isso exigiu uma organização específica do banco de dados nos programas de computador utilizados, que também foram adaptados, o que enriqueceu sobremaneira o trabalho realizado.

Referências

ARAÚJO, L. M. S. **Dicionário Parkatêjê-Português**. 1ª edição. Belém-Pará, 2016.

ARAÚJO, L. M. S. *Fonologia e Grafia da Língua da Comunidade Parkatêjê (Timbira)*. In: SEKI, L. (org.) **Linguística Indígena e Educação na América Latina**. Editora da UNICAMP: Campinas, São Paulo. 1993.

ARAÚJO, L. M. S. **Semântica gerativa da língua gavião-Jê**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. 1977. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/74792/190324.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

FAULSTICH, E. J. L. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. **Organon: Revista do Instituto de Letras - UFRGS**. V. 25, nº 50, pág. 1-23. Rio Grande do Sul, 2011. DOI <https://doi.org/10.22456/2238-8915.28346>

FAULSTICH, E. J. L. **Socioterminologia, termo e variação**. Universidade de Brasília-UnB. Brasília-DF, 2010a.

FAULSTICH, E. J. L. Para gostar de ler um dicionário. *In*: RAMOS, C. de M. de A; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. (org.). **Pelos caminhos da Dialetoologia e da Sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas. 1ª ed. São Luís, v. 1, p. 166-185. UFMA, 2010b.

FERREIRA, M. N. O. **Estudo Morfossintático da língua Parkatêjê**. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2003.

KRIEGER, M. G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria & prática. São Paulo: Contexto, 2004.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é e como se lê**. EDUECE, Fortaleza, 2009.

REIS, J. A. Uso dos programas Flex e Lexique Pro na elaboração de dicionários e glossários e na constituição de banco de dados linguísticos. *In*: SOUZA, E. M. P. ; TORRES, W. N. (org.). **Tecnologia e Educação**: avanços e desafios. 1ed. Curitiba: Bagai, 2021. p. 136-149.

RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. *In*: DIXON, Robert M. W. ; AIKHENVALD, A.(ed.) **The Amazonian Languages**. Cambridge University Press. 1999. p.164-206.

Artigo recebido em: 11.09.2023

Artigo aprovado em: 16.11.2023